

AURORA DA MELODIA COM O MELODIA DA AURORA

Afonso H Lisboa da Fonseca, *psicólogo*.

...um “ser subterrâneo” a trabalhar, um ser que perfura, que escava, que solapa. Ele é visto – pressupondo que se tenha vista para este trabalho na profundidade – lentamente avançando, cauteloso, suavemente implacável, sem muito revelar da aflição causada pela demorada privação de luz e ar; até se poderia dizer que está contente com o seu obscuro labor. Não parece que alguma fé o guia, algum consolo o compensa? Que talvez queira a sua própria demorada treva, seu elemento incompreensível, oculto, enigmático, porque sabe o que também terá: sua própria manhã, sua redenção, sua aurora?... Certamente ele retornará: não lhe perguntem o que busca lá embaixo, ele mesmo logo lhes dirá, esse aparente Trofônio e ser subterrâneo, quando novamente tiver “se tornado homem”. Um indivíduo desaprende totalmente o silenciar, quando, como ele, foi por tão longo tempo toupeira, solitário --

(colocar a citação)

Canta o Melodia, no rádio...

É Estácio...

Há tempos que me deslumbro e desbundo com *Estácio*... inevitável passar pela cabeça... ‘*De novo*’, o *Melodia* cantando ‘*Estácio*’...

E disponho-me a ouvir...

É uma interpretação nova, sutilmente -- mas só sutilmente – diferente. Com uma cantora... Esta é uma novidade. Com uma cantora...

E lá está todo frescor e todo o incrível vigor do *Estácio* – que há cerca de trinta anos escuto o *Melodia* cantar... Só que diferente, agora, sutilmente diferente, mas decididamente...

Lembro o comentário de um amigo. *O Melodia é legal, mas não inova, são sempre as mesmas músicas...*

Verdade...

É verdade, mas discordo em algo...

Inicialmente, não sei muito por quê, mas meramente porque contraria os meus sentidos, ainda que tenha lógica...

Há uns trinta anos, ou mais, escuto o *Melodia*. Desde os tempos em que ouvia no rádio, num apartamento de hotel, no Rio,

*Sabe gente...
É tanta coisa pra gente saber...
O que cantar
como andar
onde ir...
O que dizer o que calar...
A quem querer...*

*Sabe gente...
É tanta coisa que eu nem posso saber...
Sou eu sozinho e este nó no peito...
Já desfeito em lágrimas
Que eu luto pra esconder...
Sabe gente...
Eu sei que no fundo o problema é só da gente
É só do coração dizer não
Quando a mente tenta nos levar
P'rá casa do sofrer
E quando escutar uma samba canção...
Assim como...
'Eu preciso aprender ser só...'
Reagir... e ouvir o coração responder...
Eu preciso aprender a só ser...*

(Não sei bem se está correta e completa a letra...)

Só reticências, **porque** certamente é impróprio pôr vírgulas, pontos, ou mesmo qualquer tipo de sinal ortográfico numa letra que o Melô canta.

É como aquela coisa de que entre o *zero* e o *um* existem múltiplas formas, e, na verdade, infinito... Em particular, existe a incerteza, que o gesto **gesto** vai preenchendo à medida do ato, da atuação...

No tempo de uma vírgula existem mil tempos na interpretação do Melodia. Mil jeitos, mil passos e compassos, vividos, dobras e contorções, de um corpo, membros, gestos, alegremente animados. Na verdade, “dribles de corpo” e reviravoltas na decadência do tempo. Um corpo que não se conforma em ser *desditado* pelo tempo, mas que alegremente se assume e administra o tempo, mas que **se assume** e ad-ministra o tempo, gerando-o e regenerando, digerindo e metabolizando a decadência.

E o que seria da vida não fossem os “dribles de corpo” e as reviravoltas na decadência do tempo...

Diz o Chico que o “drible de corpo” é quando “o corpo tem presença de espírito.” (Monumental...). E o Melodia é um... *espirituoso*...

Um corpo que dança, que se faz voz e canto, um canto que, de voz e ritmo, dança, e constitui-se em rítmicas e vividamente vividas circunvoluções, serpenteamentos, passos e compassos, animações de um corpo, e de cada uma de suas muitas segmentações. Um corpo que musicalmente gesta, anima-se e alegra-se em voz – e que voz! *Corpoativa*; uma

voz que **se infiltra** capilativamente no corpo que **se alegra** de meramente existir, e dança a sua dança.

E quem “dança”, com a bunda no chão, e termina por sucumbir, nos dribles de corpo do Melô, é a decadência do tempo...

Enquanto o retorno, o eterno retorno, da força do tempo, regenerado, retorna, e malandramente segue, sonora e corporalmente serpenteando... Pé ante pé, mão equilibrante... camisa azul, branca e preta, aberta no peito, contra a pele escura...

Há trinta anos que ouço o Melodia... E se eu vir um disco do Melodia, corro para escutar. Se eu souber que ele vai cantar, não perco...

E vivo o show como a experiência alegre, e não raro eufórica, de um ritual. Em que cada momento é da ordem e do vigor do outro tempo (do tempo que não decai, fonte inexaurível, já dizia Lao Tsé), que dribla e costura a decadência do tempo, e vai ao fundo do poço de sua regeneração, e retorna sempre, com água límpida e fresca, em suas serpenteantes e imprecisamente rigorosas, caprichosas, medidas e desmedidas.

A decadência do tempo, sempre tão arrogante e segura de si, poderosa, não tem vez com o Melodia, termina sempre “de bunda no chão”, zonza, com os espirituosos dribles de corpo.

Quando o corpo se anima, a consciência, tão pressuposta soberana, vai se afastando, vai ficando pequenininha, pequenininha lá embaixo. Tá lá, mas vai se relativizando, se metamorfosando, e sendo tão adornada pela vivência de um corpo alegre e vivo, que não seria reconhecida... Como se na sua cinzentice se lhes pintasse cores, flores, diademas, arco íris... um chapéu, e uma cestinha de frutas coloridas...

De modo que na sua arte o Melodia vai dando conta, assim, alegremente, da decadência do tempo.

Firme aí, Estácio! Que enquanto o Melô cantar você não decai. Um dia decairá, um dia decairá... *Mas quando for tempo... E é tempo todo tempo... Mas não basta um século para fazer a pétala... Que um só instante faz, ou não. Mas a vida muda...* (Gullar).

Regeneram-se e **revigoram-se** as figuras do Melô; e revigoramo-nos e regeneramo-nos nós.

Isto é que é um intérprete !

Regeneramo-nos com a regeneração do tempo. Como aquela “Magrelinha”,

*O pôr do sol
Vai renovar brilhar de novo o seu sorriso
E libertar
da areia preta e do arco íris
cor de sangue*

*cor de sangue
cor de sangue
cor de sangue
O beijo meu vem com melado decorado cor de rosa
O sonho seu vem dos lugares mais distantes
Terra dos gigantes
Super homem
super mosca
super carioca
super eu
super eu
Deixa tudo em forma
É melhor nem sei
E não tem mais perigo digo já nem sei
Ela está comigo só eu só nem sei
O sol não advinha
Baby é magrelinha
O sol nem advinha
Baby é magrelinha
No coração do Brasil
No coração do Brasil
Baby é magrelinha
No coração
no coração
no coração do Brasil
Baby é magrelinha
Baby*

O Melodia brinca com as palavras decaídas, com as letras, com as músicas decaídas. Com as palavras, letras, músicas em seu decaimento. Porque, simplesmente, a sua arte é a de dar-lhes vida. Vida mesmo. Vivificar-lhes do fundo do poço da regeneração do tempo. E por dentro de sua carcaça **enrijecida** vai retorcendo-se e retorcendo do fundo do poço do tempo, e reanimando-as, enquanto deleitamo-nos com suas interpretações.

Um poema, uma poética, são eternos, enquanto haja quem queira e possa interpretá-los. E esta é a arte do Melodia, *Negro Gato*. Ao interpretar, fazê-lo efetivamente, animando de possíveis, sempre, a sua interpretação. Dar vida, animar, reanimar, regenerar, sempre e sempre, aquilo que lhe é querido, e que é, como **tudo e** sempre, reivindicado pela decadência, pela degradação, do tempo.

Assim não interessa que repita e repita e o quanto sempre bem humoradamente repita. Em particular, porque não é repetição nunca. Desde que os tempos possam ser regenerados, e se manifestem em vital, sonora e rítmica, corporal, atualização.

Dezembro 2004.

Algumas contribuições:

Achei intensamente inspirador e espetacular o texto que você fez. A relação entre o tempo, a repetição, a força do retorno, a música do Melodia e a breve ligação com a filosofia nietzscheana é incrível.

Fica difícil colocar a colher na comida dos outros, mas aqui fazemos ensaios e fica um convite para pensar uma possibilidade: seria interessante explorar mais a relação de tudo que foi colocado com os aspectos da filosofia de Nietzsche?

Percebo o texto de modo bastante articulado entre o conteúdo e a forma. A estilística assume um ritmo coerente com o discurso. O texto é ligeiro, cadenciado e dá “drible de corpo”.

Exatamente por se tratar de um texto com essa marca forte (como eu percebi) imagino não ser apropriado endurecê-lo com as regras gramaticais (principalmente no que diz respeito a pontuação), embora se deva fazer atenção em algumas partes.

Observo a necessidade de formatar o texto (espaçamento entre os parágrafos, padronizar as citações ou mesmo modo de colocar os neologismos).